

A ascensão do leste asiático: uma síntese sobre a interpretação de Giovanni Arrighi

Helton Ricardo Ouriques

Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), professor adjunto do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: helton@cse.ufsc.br

Introdução

Esse artigo não pretende fazer uma análise acerca da contribuição teórica de Giovanni Arrighi¹, mas tão somente apresentar a discussão presente, nas obras deste autor, acerca da ascensão do Leste Asiático². A temática justifica-se pelo fato de este autor, recentemente falecido, ter construído uma obra teoricamente profunda acerca do moderno sistema mundial e contribuído sobremaneira, no nosso modesto ponto de vista, para uma interpretação renovada e sofisticada no campo da economia política internacional. Arrighi deixou como legado uma interpretação teórica instigante acerca da dinâmica do capitalismo histórico como uma sucessão de ciclos sistêmicos de acumulação. Para o autor, “o principal objetivo do conceito de ciclos sistêmicos é descrever e elucidar a formação, consolidação e desintegração dos sucessivos regimes pelos quais a economia capitalista mundial se expandiu, desde seu embrião subsistêmico do fim da Idade Média até sua dimensão global da atualidade” (Arrighi, 1996: 10). Tais ciclos correspondem à ascensão e à queda de regimes específicos de acumulação de capital e poder em escala mundial, cada qual correspondendo à hegemonia de certo bloco de agentes estatais e empresariais e tendo duração média de cerca de um século.

Cada um dos Ciclos Sistêmicos de acumulação possui duas fases: expansão material (EM) e expansão financeira (EF). Na primeira

¹ Uma discussão específica sobre a contribuição de Giovanni Arrighi pode ser vista em: Arienti e Filomeno (2007), Robinson (2010) e Abbeloos e Vanhoute (2011)

² Para duas interpretações alternativas sobre o processo de desenvolvimento do Leste Asiático, ver Castells (1999) e Amsden (2009). Para uma compreensão histórica sobre o pós-Segunda Guerra Mundial e o Leste Asiático, ver Bianco (1976). Para a compreensão do processo de desenvolvimento chinês, ver, entre outros, Spence (1996), Ruiz (2006), Liu e Garino (2001), Bao et alli (2002) e Fenby (2009).

fase, há a consolidação da hegemonia de determinada potência que lidera e controla o aumento cada vez maior do fluxo de mercadorias e de força de trabalho. Segundo o autor, “constituem fases de mudanças contínuas, durante as quais a economia capitalista mundial cresce por uma única via de desenvolvimento” (idem: 09). Recebem este nome porque a acumulação e reprodução do capital se dão primordialmente na esfera produtiva - produção e comercialização de mercadorias. Na segunda fase, as contradições do regime de acumulação hegemônico se acentuam e, concomitantemente, surgem novos regimes concorrentes, dentre os quais terá origem a próxima potência hegemônica. O lucro e a acumulação deixam de ser preponderantemente através da esfera produtiva, passando a ser realizados por meio de negociações financeiras. Assim, os períodos de expansão financeira “consistem em fases de mudanças descontínuas, durante as quais o crescimento pela via estabelecida já atingiu seus limites e a economia capitalista mundial ‘se desloca’, através de reestruturações e reorganizações radicais, para outra via” (idem, *ibidem*).

Ao longo da história do capitalismo, Arrighi identificou quatro Ciclos Sistêmicos de Acumulação e batizou-os com o nome do Estado então hegemônico: 1) o ciclo genovês, que se estende do século XV ao início do século XVII; 2) o ciclo holandês, que tem início no século XVI até a maior parte do XVIII; 3) o ciclo britânico da segunda metade do século XIX até o começo do século XX; 4) e, por fim, o ciclo norte-americano, que prossegue na atual fase de expansão financeira. Em síntese, a expansão global do sistema capitalista ocorre através de uma série de transições, no decorrer das quais o sistema desarticulou-se para ser reconstituído em bases mais amplas.

As expansões financeiras, apesar de serem periódicas, sempre são originais do ponto de vista dos níveis de concorrência e competição entre os Estados. Segundo Arrighi, claramente inspirado por David Harvey, a “acumulação por desapropriação e produção do espaço em escala cada vez maior revolucionam a geografia e o modo de funcionamento do capitalismo mundial, assim como a sua relação com as práticas imperialistas” (Arrighi, 2008: 244). No início de cada expansão financeira há uma crise sinalizadora do regime de acumulação dominante, na qual o principal agente da acumulação verifica a impossibilidade de manter sua lucratividade mediante as atividades produtivas rotineiras. Diante da conseqüente limitação de sua acumulação de poder e status, este agente busca alternativas para investir o crescente volume de capital líquido.

Neste contexto, as grandes potências iniciam projetos expansionistas de disputa por mercados e territórios, eventualmente através de conflitos bélicos. Sem dispor da necessária capacidade de financiamento, os Estados ingressam, então, numa disputa pelo capital circulante, criando as condições de demanda para a expansão financeira.

A potência hegemônica encontra na esfera financeira a “possibilidade de prolongar sua liderança/dominação, no tempo e no espaço” (Arrighi, 1996: 220). No entanto, embora essa etapa possa renovar a riqueza e poder do agente hegemônico, ela “nunca representou uma solução duradoura para a crise sistêmica subjacente. Ao contrário sempre foi o preâmbulo de um aprofundamento dessa crise e da eventual superação do regime de acumulação ainda dominante por um novo regime” (idem: 220). Isso porque a saturação da expansão material gera uma crescente liquidez nos mercados financeiros absorvida pelos Estados na forma de endividamento. Como resultado inevitável, a potência hegemônica perde progressivamente sua capacidade de regulação do sistema mundial e abre espaço para a ascensão de uma nova hegemonia. Assim, a crise terminal marca a superação final do regime de acumulação dominante.

É dentro desse quadro teórico mais amplo, construído ao longo da trajetória intelectual de Giovanni Arrighi, que deve ser compreendida sua análise sobre a ascensão do Leste Asiático (incluindo a China). E é sobre isso que trataremos a seguir.

O Leste Asiático e a China para Giovanni Arrighi

Quando redigiu o pós-escrito para a segunda edição de *O longo Seculo XX* (março de 2009), Giovanni Arrighi apresentou o motivo de, nesta obra, não ter mencionado a China como possível herdeira do declínio hegemônico dos Estados Unidos. Ele afirma que, à época (1994), não estava plenamente consciente da extensão e das implicações do ressurgimento do papel da China na economia política do Leste Asiático. Arrighi diz que esse renascimento reduziu, sem eliminar, a bifurcação entre o poder militar dos EUA e o poder financeiro do Leste Asiático. Ele argumenta que esse tipo de bifurcação entre poder militar e poder econômico, que podemos observar desde os anos 1980, não tem precedentes nos anais da história capitalista (Arrighi, 2009: 14). O autor ainda assinala: “it has deprived the West of one of the two most important ingredients of its fortunes over the preceding five hundred years:

control over surplus capital. Equally important, if China/East Asia were to become hegemonic in the future, it would be a very different type of hegemony than the Western type of the past 500 years" (idem, ibidem).

Aliás, se há um traço comum entre as obras *O Longo Século XX* (1996), *A Ilusão do Desenvolvimento* (1997), *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial*(2001) e *Adam Smith em Pequim* (2008) é a assertiva de que o Leste Asiático é a região do planeta dotada das condições de ser sucessora do ciclo sistêmico norte-americano; ou se constitui como um "regime de acumulação emergente", para usar os termos do epílogo da primeira das obras acima citadas

Em *Adam Smith em Pequim* (2008), ao discutir a dinâmica social da turbulência global, Arrighi enfatiza que, graças à estratégia dos EUA de tentar reverter seu declínio econômico relativo, ocorreu uma "*grande bifurcação no destino das regiões meridionais nas décadas de 1980 e 1990*" (Arrighi, 2008: 157). Para entender essa bifurcação, vale a pena transcrevermos uma longa citação a respeito do assunto:

Regiões que, por razões históricas, apresentavam boa vantagem na concorrência pela participação na expansão da demanda norte-americana por produtos industriais baratos, mais notadamente a **Ásia oriental**, tenderam a se beneficiar do redirecionamento do fluxo de capital, porque a melhora de seu balanço de pagamentos reduziu a necessidade de competir com os EUA no mercado financeiro mundial e chegou a transformar algumas delas em grandes credores destes. Outras regiões, principalmente a África subsaariana e a América Latina, tinham, por razões históricas, mais desvantagens na briga por um quinhão da demanda norte-americana. Estas tenderam a sofrer dificuldades no balanço de pagamentos, o que as colocou na posição sem esperanças de precisar competir diretamente com os EUA no mercado financeiro mundial. Seja como for, os EUA se beneficiaram em termos econômicos e políticos, já que as empresas e os órgãos governamentais norte-americanos estavam em melhores condições para mobilizar, na luta pelo poder e pela concorrência globais, as mercadorias baratas e o crédito que os 'vencedores' do Sul forneciam com entusiasmo, assim como o patrimônio que os 'perdedores' do Sul, querendo ou não, tinham de ceder a preço de banana. (Arrighi, 2008: 157).

Esse autor, especificamente em dois capítulos do livro *A ilusão do desenvolvimento* (1997)³, vai detalhar as vantagens do Leste Asiático em relação às outras regiões aqui mencionadas. No capítulo *A ascensão do Leste Asiático: um milagre ou muitos?*, ele vai mostrar que o milagre asiático foi, inicialmente, um milagre essencialmente japonês: “com um PNB per capita de pouco mais de um quinto (20,7%) do PNB per capita do núcleo orgânico, o Japão, em 1938, estava firmemente agrupado no grupo de Estados de renda média (semiperiféricos). Em 1988, em contraste, o PNB per capita do Japão era quase 20% mais alto do que o PNB per capita médio do núcleo orgânico” (Arrighi, 1997: 57). Contudo, já ao longo da década de 1970 a ascensão do leste asiático deixa de ser um fenômeno essencialmente japonês: “considerando o Grupo dos Quatro [Coréia do Sul, Taiwan, Hong-Kong e Cingapura] como uma unidade, seu PNB per capita, enquanto percentagem do PNB per capita do núcleo orgânico – que havia crescido muito ligeiramente (de 8,5% para 9,3%) entre 1960 e 1970 – quase dobrou (de 9,3% para 17,7%) entre 1970 e 1980” (idem: 63).

Para o autor, o elemento-chave da vantagem competitiva desses países ao longo dos anos 1970 e 1980 foi “o sistema de subcontratação de múltiplas camadas que teve origem no Japão e se expandiu prodigiosamente, desde o final da década de 70, até abranger um número e variedade crescentes de localidades do leste e sudeste da Ásia” (idem: 66). Tal sistema, segundo Arrighi, possui as seguintes características: a) o sistema se apóia em e tende a reproduzir uma estrutura mais descentralizada de atividades produtivas do que as práticas de subcontratação de empresas capitalistas de outros Estados do núcleo orgânico; b) o sistema é altamente estratificado em camadas múltiplas⁴; c) as redes de subcontratação centradas no Japão são muito mais estáveis e reguladas do que redes similares nos Estados Unidos e Europa

³ Tratam-se dos capítulos 2 e 3 do livro em questão, edição brasileira: *A ascensão do Leste Asiático: um milagre ou muitos?* e *A ascensão do Leste Asiático: aspectos regionais e sistêmicos mundiais*.

⁴ “Os subcontratantes estratificados em subcontratantes primários (que subcontratam o serviço diretamente do comprador final, tal como montadores ou distribuidores do produto final), subcontratantes secundários (que obtêm o serviço dos subcontratantes primários), subcontratantes terciários (que obtêm o serviço dos subcontratantes secundários) e assim por diante, até que a cadeia atinja a base da pirâmide formada por uma grande quantidade de domicílios que subcontratam operações simples” (ARRIGHI, 1997, 68).

Ocidental⁵; d) a superior habilidade “de tirar proveito de e reproduzir os diferenciais salariais entre diferentes segmentos e camadas da força de trabalho doméstica e mundial” (idem: 72); e) a relação simbiótica com o ambiente econômico leste-asiático mais amplo. Arrighi considera essa última característica a mais importante, por ter sido a partir da expansão transfronteiras do sistema de subcontratação japonês que os outros países do Leste Asiático tiveram seus “milagres” econômicos. Em outras palavras,

...o Grupo dos Quatro recebeu 54% de todos os casos de investimento estrangeiro direto japonês, feito na Ásia em têxteis entre 1951 e 1974, e que a maior parte do restante (42%) foi para outros quatro países - Tailândia, Malásia, Filipinas e Indonésia. A concentração foi ainda maior no caso de investimento direto em maquinário elétrico, sendo os números correspondentes 80% nas nações do Grupo dos Quatro e 15% para os outros quatro países sul-asiáticos listados acima (idem: 83-4).

Já no capítulo *A ascensão do Leste Asiático: aspectos regionais e sistêmicos mundiais*, Arrighi vai dimensionar as relações EUA-Japão, no contexto da Guerra Fria, para mostrar que a ajuda estadunidense ao Japão foi elemento importante da recuperação da economia japonesa e do seu entorno. Segundo o autor, “ao todo, no período de 20 anos, que foi de 1950 a 1970, a ajuda norte-americana ao Japão foi em média de US\$ 500 milhões por ano. A ajuda militar e econômica à Coreia do Sul e Taiwan juntas foi ainda mais maciça. No período de 1964 a 1978, a ajuda à Coreia do Sul chegou a US\$ 13 bilhões e a Taiwan, US\$ 5,6 bilhões” (Arrighi, 1997: 105-6).

Como ressalta o autor, “na década de 50, os Estados Unidos haviam promovido a integração separada do Japão e de suas antigas colônias dentro de suas próprias redes de comércio e apoio” (idem: 107). Arrighi argumenta que o Japão foi um grande beneficiário da hegemonia americana:

Sob hegemonia norte-americana, o Japão ganhou ‘de graça’ aquela hinterlândia econômica que havia lutado tanto para obter através de expansão territorial na primeira metade do século XX, e havia finalmente perdido na catástrofe da Segunda Guerra Mundial. O Japão realmente ganhou de ‘graça’ muito mais do que

⁵ Em outras palavras, “ao invés de competir umas contra as outras, as firmas pequenas e médias no Japão cooperam entre si através de uma especialização de técnicas ou processos numa rede difusa de subcontratação que reproduz a estrutura amplamente dispersa no tempo. Essa parceria duradoura é idealizada como uma relação de ‘família’ entre ‘companhias-mãe’ e ‘subcontratantes-filhos’” (idem, p.70).

a hinterlândia leste-asiática. Através da ação do governo norte-americano, ele obteve a admissão do GATT e acesso privilegiado ao mercado norte-americano e aos gastos militares ultramarinos norte-americanos. Além disso, o governo norte-americano tolerou um fechamento administrativo da economia japonesa à empresa privada estrangeira que teria colocado qualquer outro governo estrangeiro entre os inimigos do Mundo Livre na cruzada da Guerra Fria (Arrighi, 1997: 107).

Giovanni Arrighi agrega, ainda, outro elemento explicativo para a ascensão do Leste Asiático: a **diáspora capitalista chinesa**. Afinal, a grande novidade na economia política mundial desde meados dos anos 1990 é o crescimento econômico chinês. E o grosso dos investimentos naquele país, desde o início dos anos 1990, veio da diáspora capitalista chinesa, isto é, dos recursos dos chineses de Taiwan e Hong Kong. Como ressalta o autor,

Quando a expansão transfronteira começou, a diáspora capitalista chinesa tornou-se o principal intermediário entre os negócios japoneses e locais em Cingapura, Hong Kong e Taiwan - onde os chineses étnicos constituíam a maioria da população - e, mais tarde, na maioria dos países da Associação das Nações do Leste Asiático, onde os chineses étnicos eram uma minoria, mas ocupavam uma posição de comando nas redes locais de negócios. A expansão transfronteira do sistema japonês de subcontratação de múltiplas camadas foi dessa forma sustentada, não apenas por apoio político norte-americano 'vindo de cima', mas também por apoio comercial e financeiro chinês 'vindo de baixo' (idem: 125).

Ao final desse texto (que é o terceiro capítulo do livro aqui citado), Arrighi conclui que o crescimento explosivo do Leste Asiático desde o final da Segunda Guerra Mundial "se parece com um foguete de três estágios" (idem: 127). O primeiro estágio da expansão teve como principal agente os Estados Unidos, cujas estratégias geopolíticas favoreceram enormemente o Japão, que não teve que bancar os custos de proteção (militares) e pôde dedicar assim suas energias para a reestruturação econômica (modelo de subcontratação de múltiplas camadas). No segundo estágio, o Japão ampliou suas conexões com as economias do entorno asiático, em busca de mão-de-obra, sendo o agente da expansão da região. No terceiro estágio, é o próprio governo chinês que parece ser o principal agente da expansão, agindo em consonância com a diáspora mercantil chinesa.

Arrighi também argumenta que "o sinal mais importante da ascensão do Leste Asiático a novo epicentro dos processos sistêmicos de acumulação do capital é que diversas de suas

jurisdições fizeram importantes avanços nas hierarquias de valor agregado e financeiras da economia capitalista mundial” (Arrighi, 1997: 101). Isso é importante ser reforçado porque esses países, com o tempo, passaram a produzir em seus territórios mercadorias com cada vez maior valor agregado⁶, além de se transformarem em centros financeiros importantes. Ou seja, passaram a dominar a produção e cada vez mais participar, ativamente, das finanças globais⁷.

No livro *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial* (2001), Arrighi e seus colaboradores apontaram, especificamente em relação à temática que está sendo abordada neste artigo, a possibilidade de a ascensão do Leste Asiático⁸ vir a significar o encerramento da dominação ocidental na Ásia:

a atual ascensão do Leste da Ásia como o centro mais dinâmico dos processos de acumulação de capital em escala mundial pode ser vista como um sinal de que o longo processo de intromissão e dominação ocidentais na Ásia fechou ou está prestes a fechar um círculo completo. Como previu o general Douglas MacArthur em 1951, é bem possível que a expansão da fronteira ocidental para abarcar as potencialidades do comércio da Ásia esteja resultando na “rotação gradativa do epicentro do comércio mundial de volta ao Extremo Oriente, onde ela teve início muitos séculos atrás” (grifos nossos) (Arrighi e Silver, 2001:277).

Arrighi e seus colaboradores terminam a discussão sobre o assunto, no livro em questão, elencando quatro implicações para a economia política global: a) afirmam que esse renascimento do Leste Asiático é, ao mesmo tempo, produto tanto das contradições

⁶ “Essas jurisdições constituem um arquipélago capitalista - um conjunto de ilhas de capitalismo que se elevam acima de um mar de trocas horizontais, entre mercados locais e mundiais, através da centralização, dentro de seus territórios, de lucros de larga escala e atividades de alto valor agregado. Abaixo desse mar, ficam as gigantescas massas trabalhadoras extremamente industriais e de baixo custo de todas as regiões do nordeste e sudeste asiático, nas quais as ‘ilhas’ capitalistas fincam suas raízes, porém sem fornecer-lhes os meios necessários para se elevarem ao ‘nível do mar’ ou acima dele” (Arrighi, 1997, p. 101).

⁷ A recente polêmica nos EUA, acerca do aumento do teto da dívida, colocou explicitamente em evidência o poder financeiro chinês, porque a China possui US\$ 1 trilhão em títulos da dívida externa estadunidense. Além disso, esse país constituiu recentemente um fundo soberano de riqueza que está adquirindo ativos em várias economias do mundo, em especial nos EUA. Para maiores informações, ver Ouriques, Vieira, Arienti (2011).

⁸ Os autores argumentam também que a ascensão do Leste Asiático, “mais do que a derrocada do poderio soviético, poderá muito bem revelar-se o acontecimento mais significativo de nossa era” (Arrighi e Silver, 2001, p. 274)

da hegemonia dos EUA quanto da herança geo-histórica do Leste da Ásia⁹; b) a diferenciação estrutural do poder na região: os Estados Unidos no controle militar; o Japão e os chineses de além-mar com o controle financeiro e a República Popular da China com o controle da força de trabalho. Para os autores, essa situação não tem precedentes nas transições hegemônicas anteriores, o que “torna extremamente improvável que qualquer Estado isolado que atue na região, inclusive os Estados Unidos, venha a adquirir a capacidade necessária para se tornar hegemônico em termos regionais e globais. Somente uma pluralidade de nações, agindo de comum acordo, terá alguma possibilidade de desenvolver uma nova ordem mundial” (idem: 278); c) os autores consideram que o processo de expansão econômica e integração do Leste da Ásia é estruturalmente aberto ao resto do mundo, por conta do modelo de redes empresariais informais e da dependência que a região do leste asiático tem de outras regiões do globo para obter matérias primas, alta tecnologia e produtos culturais. Para eles, “os fortes encadeamentos para frente e para trás que ligam a economia regional do Leste da Ásia ao resto do mundo são um bom augúrio para o futuro da economia global” (idem: 279); d) os autores afirmam, por fim, que o processo ocorrido e em curso na região não pode ser reproduzido em outros lugares, com os mesmos resultados favoráveis.

Em *Adam Smith em Pequim* (2008), o pano de fundo empírico é o declínio dos Estados Unidos em contraste com a ascensão da China. Como herdeira do modelo de desenvolvimento do leste asiático, enfatizado no final de *O longo século XX* e em outros escritos (que compõem o livro *A ilusão do desenvolvimento*), Arrighi

⁹ “As contradições da hegemonia mundial norte-americana concernem principalmente à dependência em que estão o poder e a riqueza dos Estados Unidos de uma via de desenvolvimento caracterizada por custos elevados de proteção e reprodução - ou seja, da formação de um aparato militar mundialmente abrangente e com alto grau de utilização de capital, por um lado, e da disseminação de padrões perdulários e insustentáveis de consumo de massas, por outro. Em parte algum essas contradições têm sido mais evidentes do que no Leste da Ásia. Não apenas as guerras da Coréia e do Vietnã revelaram os limites do poder efetivo exercido pelo ‘Estado de guerra/bem estar’ norte-americano, como também, o que é igualmente importante, à medida que a economia global tornou-se mais estreitamente integrada do que nunca, a herança geo-histórica do Leste da Ásia, com seus custos de reprodução e proteção comparativamente baixos, deu aos órgãos governamentais e empresariais da região uma vantagem competitiva decisiva diante dos altos custos de proteção e reprodução dos Estados Unidos” (Arrighi e Silver, 2001, p. 278).

vê na China possibilidades de um outro caminho de desenvolvimento, centrado no mercado, seguindo a concepção smithiana (detalhada na primeira parte do referido livro). Arrighi segue a argumentação de Sugihara, que afirma que, ao invés de uma revolução industrial, ocorreu no leste asiático uma revolução industriosa, intensiva em trabalho. Essa é, em sua opinião, uma das razões do sucesso do caminho chinês: - uso de tecnologias não poupadoras de mão-de-obra, já que o recurso inesgotável daquele país é justamente a força de trabalho. Segundo Arrighi, a China estaria utilizando apropriadamente tecnologias que aproveitam, sem descartar, esse imenso reservatório de trabalhadores. Isso, para ele, é completamente distinto do caminho ocidental do desenvolvimento, baseado na intensificação de uso de capital e na degradação do meio ambiente.

É perceptível, em *Adam Smith em Pequim*, que Arrighi apresenta uma visão otimista acerca das possibilidades chinesas, mesmo porque os problemas do atual processo de desenvolvimento daquele país são tratados em apenas cinco parágrafos no capítulo 12 da referida obra, na seção final intitulada “contradições sociais do sucesso econômico”, na qual o autor menciona os problemas da desigualdade de renda entre cidade e campo e as agitações trabalhistas recentes. Podemos dizer, na verdade, que o foco dele, nesta obra, foi mesmo o de apresentar as razões de a China ser o *condottiere* de um possível Século XXI Asiático.

Essas razões são explicitadas na quarta parte de *Adam Smith em Pequim*, e mostram o papel central, já esboçado nesse texto, que o governo chinês tem no processo de desenvolvimento recente. Arrighi menciona, como não poderia deixar de ser, as características da força de trabalho dos chineses, insistindo que não se trata apenas de uma força de trabalho barata, mas de elevada qualidade, “em termos de saúde, educação e capacidade de autogerenciamento” (Arrighi, 2008: 357). Também, como já mencionamos, reforça o papel da diáspora mercantil chinesa como “casamenteira” do encontro do capital estrangeiro com as empresas chinesas fornecedoras de mão-de-obra e as autoridades governamentais. Arrighi também elenca o “papel preponderante da formação do mercado interno” e a melhoria das condições de vida nas áreas rurais. Aqui, Arrighi dá especial ênfase, ao mencionar que se trata de uma “acumulação sem desapropriação”, significando uma via muito distinta da tradicionalmente trilhada pelos processos ocidentais de acumulação capitalista.

Essa “acumulação sem desapropriação” foi possibilitada pelas reformas no meio rural, iniciadas com a chegada de Deng Xiaoping ao poder, que culminaram com as Empresas de Aldeias e Municípios (Township and Village Enterprises) que, segundo Arrighi, tornaram-se “os principais agentes da realocação de excedentes agrícolas para a realização de atividades industriais com uso intensivo de mão-de-obra que pudessem absorver produtivamente o excesso de trabalhadores rurais” (idem: 367). Arrighi termina a discussão sobre as origens da ascensão social chinesa insistindo no fato de este país usar tecnologias apropriadas à enorme quantidade de força de trabalho existente, pois a “principal vantagem competitiva dos produtores chineses não é o salário baixo por si só, mas o uso de técnicas que empregam mão-de-obra instruída e barata, em vez de máquinas e administradores caros” (idem: 371).

William Robinson (2010) em seu estudo crítico sobre a obra de Giovanni Arrighi, traz uma importante contribuição ao debate sobre as teses deste autor a respeito da ascensão chinesa, apresentando questionamentos pertinentes que podem nos orientar em pesquisas futuras. Em um longo trecho, Robinson argumenta o seguinte:

Here it is necessary to observe that Arrighi is reading Adam Smith in such a way as to argue that ‘there is a fundamental world-historic difference between processes of market formation and processes of capitalist development’. China, he says, is becoming a ‘market economy’ as analysed and envisioned by Smith rather than undergoing ‘capitalist development proper’. China’s rise and potential hegemony has a very different basis from that of its Western predecessors. Arrighi draws on a growing body of scholarship on East Asia to remind us that China was the leading economy of the world until the eighteenth century and commanded an East Asian state system that was organised very differently than the European world system. His discussion on East Asian history draws especially on the work of Kaoru Sugihara, who developed the concept of the ‘Industrious Revolution’ to describe the historical East Asian growth model based on labour intensive forms of production and husbanding of natural resources to distinguish it from the ecologically destructive capital- and energy-intensive Western path. China’s economy was admired by Adam Smith as the ‘natural path’ to development, based on agricultural improvement that allowed the rural population to generate domestic demand for manufacture, in distinction to the Western path that relied on international trade. The Chinese state in the wake of the Communist revolution revived this focus on agriculture and created a workforce of higher quality than in other low-wage countries that now makes it possible for China to develop a market system based on skilled labour rather than capital machinery (Robinson, 2010: 11)

Na seqüência de seu texto, Robinson (2010) afirma que a visão de Arrighi sobre a China é excessivamente benigna e parece estar em desacordo com as evidências empíricas. Para Robinson, “far from ‘husbanding of natural resources,’ empirical evidence suggests China’s economic expansion has wrought ecological degradation on vast tracks of the Chinese countryside and its cities are some of the most polluted in the world” (idem: 12). Além disso, segundo Robinson, as empresas estatais e privadas chinesas têm investido bilhões de dólares para extrair recursos naturais da América Latina, da África e de outras regiões, como as corporações transnacionais originárias do Ocidente. Este argumento é plenamente defensável, dada a recente onda de aquisições de ativos estratégicos no exterior por parte da China.

Robinson também argumenta que, “far from the salutary effect that he purports the East Asian development path is having on Chinese workers - skilled labour that is able to self-manage production in Chinese enterprises - the ethnographic evidence suggests that the Chinese industrial export sector constitutes the new ‘satanic mills’ (idem: 12). Quer dizer, Robinson insiste na argumentação, já conhecida e também facilmente defensável, que o alto grau de exploração dos trabalhadores chineses é uma das chaves do sucesso econômico daquele país. Contudo, a argumentação de Arrighi em prol do caráter qualificado e auto-administrado dessa força de trabalho, sem uma ênfase aprofundada (pelo menos em *Adam Smith em Pequim*) nas situações que envolvem as condições de sobrevivência e salário dos trabalhadores chineses, é absolutamente condizente com os propósitos daquela obra: evidenciar a trajetória de ascensão chinesa e suas possibilidades para o Século XXI. O que queremos registrar, em outras palavras, é que a grandiosidade dessa obra de Giovanni Arrighi não destacou os aspectos mais críticos que envolvem as relações de trabalho na China, pois ele insistiu em uma linha argumentativa distinta:

Ao contrário do que se acredita, a característica mais atraente da RPC para o capital estrangeiro não foi apenas sua imensa reserva de mão-de-obra barata; há muitas reservas como essa pelo mundo afora, mas em nenhum lugar atraíram tanto capital quanto na China. A característica mais atraente, como argumentaremos, foi a elevada qualidade dessa reserva em termos de saúde, educação e capacidade de autogerenciamento, combinada à expansão rápida das condições de oferta e demanda

para a mobilização produtiva dessa reserva dentro da própria China (Arrighi, 2008: 357).

Robinson tem razão em chamar a atenção para os “moinhos satânicos” do mundo do trabalho chinês. Mas frise-se que Beverly Silver (co-autora de *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial* com Giovanni Arrighi), com muita pertinência, argumentou vigorosamente em seu livro *Forças do Trabalho* (2003), que “para onde vai o capital, o conflito vai atrás”. Assim, diz a autora, “se a dinâmica passada serve de indício para dinâmicas futuras, então temos boas razões para esperar que surja um movimento trabalhista forte e militante na China – local de industrialização rápida e proletarização mais recentes” (Silver, 2005: 12). Como essa autora era colaboradora intelectual de Giovanni Arrighi, é óbvio que ele tinha plena consciência das situações laborais adversas dos trabalhadores chineses (e isso é facilmente percebido pelas referências, no capítulo 12 de *Adam Smith em Pequim*, a respeito do assunto).

Por fim, Robinson critica o papel atribuído por Arrighi à China como indicador de um caminho smithiano de “maior igualdade e respeito mútuo entre os povos”, porque não há nenhuma evidência de que seus governantes sejam mais benignos ou iluminados como agentes de uma nova hegemonia mundial do que seus predecessores ocidentais. Robinson tem razão no conteúdo da afirmação, mas para fazer justiça a Giovanni Arrighi, o mesmo termina *Adam Smith em Pequim* (2008, p. 392) afirmando o seguinte: “inspirando-se demais no caminho ocidental de consumo excessivo de energia, o rápido crescimento econômico da China ainda não criou para si e para o mundo um caminho de desenvolvimento ecologicamente sustentável”.

Arrighi, ao focar a “ascensão pacífica” chinesa, na verdade, estava colocando-a em flagrante contraste com a experiência de “dominação sem hegemonia”, que para ele caracteriza os Estados Unidos desde o início de seu declínio hegemônico (a partir de meados dos anos 1970). É esse argumento que é exposto no capítulo sétimo da obra em questão (*Dominação sem hegemonia*). Arrighi mostra que a estratégia belicosa dos EUA pós 11 de setembro de 2001 acabou beneficiando a China, vista por governantes e empresários de outros países de forma positiva, ao contrário dos EUA¹⁰. Por isso esse autor assinalou também o aumento da

¹⁰ O trecho a seguir é elucidativo: “Um importante empresário de Cingapura, que um ano antes acusara a China de ser um rolo compressor prestes a esmagar as economias mais fracas do sudeste da Ásia, traçou um quadro totalmente diferente no segundo semestre de 2003: ‘a sensação é de que a China tenta ao

influência econômica da China na África, América Latina e na própria Europa, como evidências de uma estratégia distinta da praticada pelo governo americano:

A China também começou a ofuscar os Estados Unidos na promoção da liberalização do comércio. Em termos regionais, teve sucesso na integração com os países da ASEAN (...), ao mesmo tempo em que formava laços econômicos com Japão, Coreia do Sul e Índia. Em termos globais, uniu-se ao Brasil, à África do Sul e à Índia para liderar a ofensiva do G20 na reunião de 2003 da OMC, em Cancún, contra o sistema de dois pesos e duas medidas do Norte - que impunha a abertura do mercado do Sul, porém se mantinha ferozmente protecionista, sobretudo em setores comparativamente mais vantajosos para o Sul. Também nesse aspecto a postura da China contrastou muito com a dos Estados Unidos, que abandonou as negociações comerciais multilaterais em proveito de acordos bilaterais, visando a romper a aliança do Sul que se formou em Cancún ou conquistar apoio à Guerra ao Terror (Arrighi, 2008: 218).

Em outras palavras, queremos aqui pontuar que não se trata de acreditarmos na benevolência dos governantes chineses em relação aos governantes ocidentais, em particular os americanos. Porque, afinal de contas, o que está sempre em jogo, em se tratando de Estados hegemônicos ou candidatos à hegemonia, são os objetivos estratégicos desses Estados. Contudo, Arrighi tem razão, a despeito do afirmado por Robinson, de que o comportamento da China tem sido distinto daquele historicamente praticados pelos Estados Unidos, em especial na última década. O que está em discussão, na verdade, é se a ascensão chinesa significa uma novidade, se é simplesmente mais do mesmo ou se é apenas uma ilusão¹¹. Ou seja, se abrirá a possibilidade de uma profunda reorganização no sistema internacional, pondo fim às hegemônias ocidentais; ou se significará mais uma rodada produtiva e, ao mesmo tempo, destrutiva, do capitalismo histórico.

Considerações finais

Em *Adam Smith em Pequim*, Arrighi contrasta de forma contundente o declínio hegemônico dos Estados Unidos com a ascensão chinesa, colocando-os como aspectos interligados da atual

máximo agradar, ajudar, acomodar-se aos vizinhos, enquanto os Estados Unidos são vistos como país cada vez mais envolvido com sua própria política externa, impondo à força ao mundo esse programa" (grifos nossos) (Arrighi, 2008: 215).

¹¹ Para uma visão crítica a respeito das possibilidades chinesas, ver Ho-Fung (2011).

fase de economia-mundo capitalista, marcada pelo fim do ciclo sistêmico de acumulação norte-americano. Ao mesmo tempo, deixa em aberto, como também não poderia deixar de ser, se efetivamente estamos diante do surgimento de um novo ciclo sistêmico de acumulação, centrado no Leste Asiático. Muito embora o epicentro da acumulação de capital esteja se deslocando para aquela região, Arrighi não sentencia que o poder também já tenha para lá se deslocado. Daí a hipótese, por ele apresentada, da bifurcação do poder econômico e do poder político/militar.

O que procuramos evidenciar nesse texto é que Giovanni Arrighi tinha uma linha de análise coerente com seu constructo teórico, a respeito das possibilidades do Leste Asiático e da China, vendo a região como a principal beneficiária do declínio hegemônico americano. A profunda reorganização econômica daqueles países, no sentido de uma maior integração produtiva e financeira (a metáfora do foguete em três estágios de Arrighi, anteriormente explicitada) entre os mesmos, pode realmente significar uma profunda transformação no sistema internacional. Mas isso, como o próprio Arrighi teve o cuidado de ponderar, é ainda uma possibilidade.

Uma agenda de pesquisas para os próximos anos pode se pautar pelo acompanhamento dessa possibilidade de mudança sistêmica advinda com a ascensão chinesa, caso esse movimento de “emparelhamento” do poder mundial entre o Ocidente e o Oriente continue. Caberia então estudar a própria “sustentabilidade” da atual trajetória chinesa. Mas, para aproximarmos ainda mais a temática de nossas preocupações, talvez fosse imperativo um acompanhamento do significado da notável expansão econômica (e também política!) chinesa para outras regiões periféricas, como América Latina e África. Dadas as dimensões territoriais, econômicas e populacionais de um país como o Brasil, talvez seja pertinente uma investigação mais detalhada sobre as implicações, para nosso país, da ascensão chinesa. Que ameaças e oportunidades se configuram e se configurarão para um país como o nosso, nesse momento de desorganização e possível reorganização da ordem econômica e política mundial? São essas questões que nos guiarão em pesquisas futuras.

Referências

ABBELOOS, Jan-Frederik e VANHAUTE, Eric. *Cutting the Gordian Knot of World History: Giovanni Arrighi's Model of the Great Divergence and Convergence*. In: American Sociological Association, Volume XVII, Number 21, pages 89-106, 2011.

AMSDEN, Alice. *A ascensão do "resto"*. São Paulo, Editora da UNESP, 2009.

ARIENTI, Wagner L. e FILOMENO, Felipe A. *Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi*. In: Ensaios FEE, Porto Alegre, volume 28, n. 1, p. 99-126, jul. 2007.

ARRIGHI, Giovanni. *Postscript to the Second Edition of The Long Twentieth Century*. March 21, p. 25, 2009.

_____. *Adam Smith em Pequim*. São Paulo, Boitempo, 2008.

_____. *A ilusão do desenvolvimento*. Petrópolis, Vozes, 1997.

_____. *O longo Século XX*. São Paulo, Contraponto/UNESP, 1996.

ARRIGHI, Giovanni e SILVER, Beverly. *Caos e governabilidade no moderno sistema-mundial*. Rio de Janeiro, Contraponto/Editora da UFRJ, 2001.

BAO, S. et alli. *Geographic factors and China's regional development under market reforms, 1978-1998*. In: China Economic Review, vol. 12, 2002, p. 89-111.

BIANCO, Lucien. *Asia contemporânea*. México, Siglo XXI editores, 1976.

CASTELLS, Manuel. *Fim de milênio*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

FENBY, Jonathan. *The Penguin History of Modern China - The Fall and Rise of a Great Power, 1850-2009*. London, Penguin Books, 2009.

HO-FUNG, Hung. *O braço direito dos Estados Unidos: o dilema da República Popular da China na crise global*. In: Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 89, p. 17-37, março de 2011.

LIU, G. e GARINO, G. *China's two decades of economic reform*. In: Economics of Planning. Kluwer Academic Publishers, 2001, vol. 34.

OURIQUES, H.R.; VIEIRA, P.A. e ARIENTI, P.F.F. *As conseqüências da ascensão chinesa para a economia-mundo capitalista: o papel do fundo soberano chinês como instrumento da estratégia de desenvolvimento*. In: III Encontro Nacional da ABRI. Workshop sobre BRICS. São Paulo, 19 a 22 de julho de 2011 [Trabalho completo, 16 páginas].

ROBINSON, William. *Giovanni Arrighi: Systemic Cycles of Accumulation, Hegemonic Transitions and the Rise of China*. In: New Political Economy, November 2010.

RUIZ, R. M. **Polarização e desigualdades: desenvolvimento regional na China (1949 - 2000)**. Belo Horizonte: UFMG, Cedeplar, 2006 [Texto para Discussão].

SILVER, Beverly. **Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870**. São Paulo, Boitempo, 2005.

SILVER, Beverly e ZHANG, Lu. **China as an emerging epicenter of world labor unrest**. IN: HO-fung H. (Editor). *China and the transformation of global capitalism*. The Johns Hopkins University Press, 2009.

SILVER, Beverly e ARRIGHI, Giovanni. **The End of the Long Twentieth Century**. In: CALHOUN, C. e DERLUGUIAN, G. (edited.) *Business as usual: the roots of the global financial meltdown*. New York, New York University Press, 2011, p. 53-68.

SPENCE, Jonathan. **Em busca da China moderna: quatro séculos de história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.